

**The text that follows is a REPRINT**  
**O texto que segue é um REPRINT.**

Please cite as:

Favor citar como:

Fearnside, P.M. 2011. Política de Conservação na Amazônia: Dilemas de Manejo Florestal. pp. 129-131. In: I.S. Gorayeb (ed.). *Amazônia Sustentável*. RM Graph, Jornal "O Liberal" & Vale, Belém, Pará Brasil.

(Originalmente publicado em *O Liberal* [Belém] 23 de fevereiro de 2011).

Copyright, "O Liberal"/VALE, Belém, Pará, Brasil

The original publication is available from:

A publicação original está disponível de:

"O Liberal"/VALE, Belém, Pará, Brasil

[Parte 4]

O manejo florestal pode causar dano significativo aos **ecossistemas** florestais. Vista de florestas de várzea no baixo Amazonas.

POLÍTICA DE CONSERVAÇÃO

# Dilemas de manejo

DIVULGAÇÃO

**Há um debate polarizado sobre manejo florestal como medida de conservação. ONGs defendem o manejo como forma de zelar as florestas, mas limitações de acesso aos recursos madeireiros são necessárias para motivar o manejo sustentável.**

Texto **Philip M. Fearnside**

**P**oucos debates são tão polarizados quanto os que cercam a questão de manejo e certificação florestal como uma medida de conservação, com visões que variam desde este uso sendo a “última chance” para a biodiversidade<sup>(1)</sup> até um “golpe ambiental”<sup>(2)</sup>. Certificação

florestal, organizado pelo Conselho para zelar pelas Florestas<sup>(3)</sup>, é apoiado através de organizações de conservação internacionais, tais como WWF, Amigos da Terra (FOE) e Greenpeace, assim como também por organizações brasileiras, tais como IMAZON, ISA e IPAM. Manejo sustentável não é

**Chance à biodiversidade ou golpe ambiental?**

sinônimo de minimizar impacto ambiental e pode causar dano significativo aos ecossistemas florestais<sup>(4)</sup>. No entanto, biodiversidade significativa pode sobreviver em áreas manejadas<sup>(5)</sup>, e os métodos de baixo impacto exigidos em áreas certificadas reduzem bastante o dano em comparação com exploração descontrolada<sup>(6)</sup>. Se o cenário de referência que se vê

como a alternativa for floresta intacta, então o manejo é desastroso para a biodiversidade, enquanto se a alternativa for considerada uma pastagem, então o manejo é muito melhor. Se este “copo” é visto como sendo “meio cheio” ou “meio vazio” é, atualmente, uma questão de orientação pessoal, com pouca base em informações quantitativas. Cenários mais realísticos de como a mudança do uso da terra progrediria na região sob regimes diferentes de política, incluindo regimes com manejo florestal, poderiam ajudar em reduzir a disparidade entre as conclusões sobre as perdas ou benefícios que o manejo florestal traz para a biodiversidade.

# Demanda certificada

DIVULGAÇÃO

Operações certificadas de manejo florestal aumentaram rapidamente: mil madeireiras (com operações florestais e serraria localizadas em Itacoatiara, Amazonas) foram certificadas em 1997, GETHAL (com as operações florestais em Manicoré e a serraria de laminados em Itacoatiara, Amazonas) em 2000 (mas posteriormente desativada), e CIKEL (com operações florestais em Paragominas e serraria de laminados em Belém, Pará) em 2001. Embora o aumento em operações certificadas de manejo na Amazônia seja uma mudança significativa, a maioria da exploração madeireira na região ainda é predatória. Até mesmo operações com Planos de Manejo Florestal (PMFs) aprovados pelo IBAMA têm impacto pesado e prospectos pobres para sustentabilidade<sup>(7)</sup>. A demanda para madeira certificada é pequena, mas crescente. Ao contrário da percepção popular, a grande maioria da madeira colhida na Amazônia é consumida no mercado doméstico, ao invés de ter destinos internacionais. Por exemplo, em 1997 foram consumidos dentro do país 86-90% da madeira colhida na Amazônia brasileira, e foram exportados apenas 10-14%. A demanda para madeira certificada na Europa e na América do Norte é, então, menos importante que a demanda dentro do Brasil. Os consumidores brasileiros são menos exigentes de produtos certificados do que as suas contrapartes na Europa e na América do Norte. O encorajamento de uma aliança entre ONGs estimulou um mercado doméstico pequeno, que tem crescido a partir de praticamente zero em 1997.

O mogno representa uma exceção importante a generalizações sobre o peso relativo dos mercados domésticos e estrangeiros. O mogno fica em uma classe de preço aparte: US\$900/m<sup>3</sup> de madeira serrada no portão da serraria, ou 3-6 vezes o preço de outras espécies comerciais, e a maioria é exportada. Importações dos E.U.A. representam 60% do comércio global; os E.U.A. sozinho importou 120.000 m<sup>3</sup> da América Latina em 1998, equivalente a 57.000 árvores<sup>(8)</sup>. Pelo fato do mogno justificar a abertura



As florestas **secundárias** que estão se regenerando há anos também precisam de licença para exploração

de estradas madeireiras em áreas remotas, ele desempenha um papel catalítico no desmatamento na região<sup>(9)</sup>. A colheita ilegal desta espécie também está causando grande impacto sobre áreas indígenas e protegidas. Esforços para garantir a origem certificada desta espécie, e para boicotar produtos não-certificados, tem potencial alto para benefícios de conservação.

Boicotar a madeira tropical in-

**A maioria da madeira colhida é consumida no país**

discriminadamente teria o efeito negativo de remover a razão financeira principal por deixar de lado áreas significativas de floresta ma-

nejada. No entanto, é a real ameaça de boicotes deste tipo que fornece a motivação crítica aos governos e à indústria madeireira para procurar a certificação e para reduzir o impacto e aumentar a sustentabilidade das operações de manejo. A existência de um sistema de certificação permite que seja focalizada a ameaça de boicote somente sobre as operações que não se unem ao sistema.

## Limitações ao acesso

Dentro do Brasil, a demanda para madeira de todos os tipos gera a pressão de exploração madeireira em florestas amazônicas. Ao contrário da convicção popular, a madeira de floresta tropical não é usada apenas, ou mesmo principalmente, para produtos de alto valor, tais como mobília e instrumentos musicais. O Brasil usa madeira tropical para praticamente tudo, inclusive azimbre, paletas, caixotes, construção, aglomerados e compensados. Substituir esta demanda com madeira de plantações somente acontecerá se madeira barata não for mais disponível a partir da colheita destrutiva das florestas amazônicas. No momento, as grandes áreas de plantações brasileiras são quase todas manejadas para celulose e carvão vegetal, em vez de serem manejadas para madeira serrada<sup>(10)</sup>. Esta situação poderia mudar se fossem implementadas políticas que criassem os mesmos tipos de limitações sobre o acesso livre aos recursos madeireiros que são necessárias para motivar o manejo florestal sustentável.

Texto atualizado de uma tradução parcial de Fearnside<sup>(11)</sup>.

**Philip M. Fearnside** é biólogo, mestre em Zoologia, doutor em Ciências Biológicas e pesquisador do Instituto Nacional da Amazônia.

### CAMINHOS PARA APROFUNDAMENTOS

- (1) → Rainforest Alliance. 2001. Smarwood: Practical conservation through certified forestry. <http://www.smarwood.org/>. Rainforest Alliance, New York, NY, E.U.A.  
 (2) → Laschefski, K. & Freris, N. 2001. Saving the wood from the trees. **The Ecologist**, 31(6): 40-43, 66.  
 (3) → FSC (Forest Stewardship Council). 2001. Forest stewardship council United States. <http://fscus.org/html/index.html>. FSC. New York, NY, E.U.A.  
 (4) → Bawa, K.S. & Seidler, R. 1998. Natu-

ral forest management and conservation of biodiversity in tropical forests. **Conservation Biology**, 12:46-55.  
 (5) → Johns, A.G. 1997. **Timber production and biodiversity conservation in tropical rain forests**. Cambridge University Press, Cambridge, Reino Unido.  
 (6) → Johns, J.S.; Barreto, P. & Uhl, C. 1996. Logging management in planned and unplanned logging operations and its implications for sustainable timber production in the eastern Amazon. **Forest Ecology and Management**, 89:59-77.

- (7) → Eve, E.; Arguelles, F.A. & Fearnside, P.M. 2000. How well does Brazil's environmental law work in practice? Environmental impact assessment and the case of the Itapiranga private sustainable logging plan. **Environmental Management**, 26:251-267.  
 (8) → Robbins, C.F. 2000. **Mahogany matters: The U.S. market for big-leafed mahogany and its implications for the conservation of the species**. <http://www.worldwildlife.org/forests/attachments/mahogany.pdf>. TRAFFIC-North

America, Washington, DC, E.U.A.  
 (9) → Fearnside, P.M. 1997. Protection of mahogany: A catalytic species in the destruction of rain forests in the American tropics. **Environmental Conservation**, 24:303-306.  
 (10) → Fearnside, P.M. 1998. Plantation forestry in Brazil: Projections to 2050. **Biomass and Bioenergy**, 15:437-450.  
 (11) → Fearnside, P.M. 2003. Conservation policy in Brazilian Amazonia: Understanding the dilemmas. **World Development**, 31:757-779.